

A ESPETACULARIZAÇÃO DA MORTE NAS PÁGINAS DO JORNAL “O NORDESTE”

Wesley Rodrigues Dutra*

Madrugada de 28 de julho de 1938, na grotta do Angico, pequena localidade do estado de Sergipe, às margens do Rio São Francisco, o bando do cangaceiro Lampião é atacado. No frenesi dos poucos minutos de tiroteio, onde atordoados os cangaceiros que dormiam levantavam as pressas sem saber que rumo tomar, a volante comandada pelo tenente João Bezerra, vai rompendo a aurora com os seus tiros. Entre gritos, trocas rápidas de insultos, corre-corre, os cangaceiros tentam transpor o cerco em busca da liberdade.¹

Para onze daqueles bandoleiros (as), o fim havia chegado, a grotta de Angico seria a sua sepultura eterna, suas histórias ali estariam registradas no meio daquelas inúmeras pedras e vegetação de caatinga. Poderíamos estar falando de mais um ataque a cangaceiros, como cotidianamente se narra nos sertões do Nordeste, mas essa chacina tem um gosto especial, ela trás subjacente o desejo de grande parte da população nordestina e dos governantes de porem fim a um homem, a uma história.

Às margens do São Francisco um “rei” é deposto de seu reinado, uma vida foi ceifada pelos tiros que atingiu o seu crânio. Virgolino Ferreira da Silva, o capitão Lampião, estava morto, após vinte anos nas malhas do banditismo, palmilhando os sertões de sete estados² do Nordeste brasileiro, o homem tido por muitos como invencível, como um dos maiores estrategistas da caatinga, encontrou o seu fim.

A população estava diante de um importante acontecimento para a região; boquiabertos os volantes não acreditavam no feito proveniente de suas mãos, o “Rei” e a sua “Santinha” – Maria Bonita -, estavam mortos. Os jornais nas suas páginas iniciam

* Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande, especialista em Geopolítica e História, e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal da Paraíba, onde desenvolve pesquisa sobre as representações construídas em torno da figura de Virgolino Ferreira da Silva – Lampião. Bolsista Capes.

¹ O jornal “O Nordeste” do dia 29 de julho de 1938, trás nas suas páginas a transcrição do telegrama enviado de Maceió por um de seus correspondentes, narrando o ataque ao bando de Lampião: “Maceió, 29 – Forças alagoanas comandadas tenente Bezerra tendo imediatos aspirantes Ferreira e sargento Aniceto ao todo 40 homens atacaram ontem cinco horas manhã lugar Angico, em Sergipe, bando Lampião composto cinqüenta e cinco bandidos depois de combate corpo a corpo resultou morte onze bandidos inclusive Lampião, Luiz Pedro, Ângelo Roque, Maria Bonita, Elétrico, Caixa-de-Fósforo, Mergulhão, Cajarana, Diferente, Enedina e um não reconhecido. Força perdeu um soldado outro ferido no terço inferior braço esquerdo tenente Bezerra ligeiramente ferido no terço médio coxa direita”.

² Lampião e seu bando, durante os vinte anos de banditismo, atuaram nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia. Ver: CHANDLER, B. J. **Lampião, O Rei dos Cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

os mais diversos relatos sobre o caso. Páginas e mais páginas trarão em destaque o tão “louvável feito”. É preciso proclamar que os sertanejos estavam alforriados.

Na primeira página do jornal “O Nordeste”, do dia 29 de julho de 1938, em destaque, podemos ler na manchete:

Virgulino Ferreira (Lampião) e dez de seus asseclas foram abatidos, na Fazenda Angico, pelas forças da Polícia alagoana, sob o comando do Tenente João Bezerra que serve as ordens do Tenente Coronel José Lucena na perseguição ao banditismo. *Estão de parabéns os sertanejos nordestinos com a morte do monstro.* (grifos nossos).

No presente artigo, pretendemos trabalhar com as notícias que o jornal sergipano, “O Nordeste”³, dos dias 29 de julho a 09 de agosto de 1938 – os dez primeiros dias após o “feito” das volantes -, trarão nas suas páginas sobre o “Rei do Cangaço” e a chacina em Angico. A escolha desse jornal se deu por uma questão que para nós é chave: ele é um dos veículos escritos de maior circulação no estado de Sergipe no ano da morte de Lampião e serviu de base a outros jornais para noticiarem o ocorrido⁴.

Para a elaboração desse artigo, partimos de uma questão simples: quais notícias serão vinculadas na imprensa escrita sobre a morte de Lampião e a chacina em Angico? Sabemos que não poderemos generalizar as notícias encontradas, afirmando que todos os outros jornais nacionais seguiram a mesma perspectiva apresentada pelo jornal “O Nordeste”, mas é unânime que todos os jornais brasileiros receberam com louvor o extermínio do “famigerado Lampião”.

1 – A morte como sinônimo de alegria

Segundo as notícias transmitidas do estado de Alagoas, o célebre bandido Virgulino Ferreira, cognominado Lampião, que há longos anos vinha praticando os mais hediondos crimes e zombando das forças

³ O referido jornal encontra-se no Arquivo Público do Estado de Sergipe. Até o momento de conclusão desse artigo não conseguimos identificar a qual órgão o jornal estava vinculado, informação que ainda estamos buscando. No entanto, conseguimos identificar até o presente que, o proprietário era o Sr. Tancredo J Gomes e a gerente Luiza Assis Brasil. Outra informação relevante é que o jornal começou a circular no estado de Sergipe no ano de 1938. Na parte de cima da página principal do jornal podia se ler: “As aspirações coletivas e os anseios da pátria, são a razão da existência deste vespertino”, o que nos faz levantar a hipótese que o mesmo poderia estar vinculado a algum setor do Estado, ou estaria a serviço desse, pois a ideia de patriotismo era uma realidade latente no período que estamos estudando sendo perseguido ideologicamente pelos governantes.

⁴ Além do jornal O Nordeste, eram editados na capital de Sergipe, Aracaju, os jornais: Correio de Aracaju, Folha da Manhã e Sergipe-Jornal.

regulares dos quatro estados nordestinos, Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, acaba de ser abatido juntamente com dez de seus companheiros de crimes pelas forças do Regimento Militar de Alagoas, sob o comando do tenente João Bezerra, às ordens do tenente-coronel José Lucena, que há longos anos não lhe tem dado tréguas.⁵

A população de Aracaju tem a confirmação do desejo quase utópico do fim de Lampião, durante semanas esse será o grande furo jornalístico a ser explorado insaciavelmente pelos jornalistas que buscam informações entre os volantes que participaram do ataque, os médicos que examinaram as cabeças decepadas dos “bandidos”, as vítimas dos cangaceiros, etc. Estamos diante de um embate constante entre os principais jornais de Sergipe – Correio de Aracaju, O Nordeste, Folha da Manhã e Sergipe - Jornal – para proporcionar ao leitor a notícia mais bombástica, mais rica de detalhes, de maior repercussão.

Desejava-se saber como foram os últimos momentos do “Rei” e da “Rainha” do cangaço. Aqueles que não conseguiram ver com os próprios olhos as cabeças expostas acompanhavam o itinerário dessas através das páginas dos jornais. Nas ruas as conversas tinham um tema em comum: “Lampião morreu!”

Sobre o corpo morto de Lampião o jornal “O Nordeste” construiu a sua narrativa, atribuiu adjetivos ao famoso líder cangaceiro, difundiu entre o público os feitos acontecidos naquele romper de crepúsculo do dia anterior, onde foi ceifada a vida do “maior bandoleiro” que o Nordeste teve notícias.⁶

É necessário resgatar sua história, trazer para as linhas da notícia jornalística o que aquele homem representou em vida, salientar o que desencadeou o seu atrevimento social e qual foi o seu fim. As reportagens com as notícias também representaram uma forma de disciplinar as massas a não seguirem o exemplo, de convencê-las do fim de um mito criado em torno de Lampião o qual afirmava a sua invencibilidade. A “fera” foi abatida e agora estava tomando um corpo representacional.

É importante salientarmos que toda representação social trás subjacente, interesses de grupos, instituições, ideologias. Roger Chartier trabalhando esse conceito deixa claro que:

As representações do mundo social assim constituídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada

⁵ Jornal O Nordeste, 29 de julho de 1938.

⁶ Salientamos que não só o jornal “O Nordeste”, mas todos os outros jornais que tratarão sobre o tema construíram representações e atribuíram juízo de valor ao fato.

caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas.⁷

Lampião será representado pelos jornais como aquele que congrega o mal, o qual detém na sua personalidade a marca da desumanidade, que conseguia aterrorizar pela sua força física tanto quanto pelo poder simbólico representado pelo seu nome. Tudo que os “cérebros tarados” puderem pensar, até onde a imaginação maléfica fosse capaz de maquinar horrores, podia-se atribuir esses a Lampião. O nome Lampião nas páginas do “O Nordeste” passou a significar o mal, o indesejado:

Há quase vinte anos Virgulino Ferreira, que era o *terror do sertão nordestino*, vinha saqueando, incendiando, deflorando, estuprando, desonrando lares, enfim, praticando os mais horrorosos crimes que pode imaginar os *cérebros tarados*, de bandidos profissionais. Nos últimos tempos o *perverso bandoleiro* com seus comparsas tinha recrudescido nos seus ataques, *dando mostras cada vez mais de sua maldade*, cometendo ataques quase semanais contra cidades e pessoas. [grifos nossos].⁸

Ele é aquele corpo que representa o terror, “homem mal” que está presente no cotidiano dos sertanejos devido as representações que em torno dele são criadas, muitas dessas pregando os seus surtos de maldade, imagem que a reportagem acima busca confirmar. O cangaceiro seria aquele que ia contra uma tradição sertaneja de honra, tão enraizada na mentalidade dos sujeitos que ali viviam. Essa tradição impedia veementemente o roubo, o desrespeito a propriedade privada e o defloramento das moças, as quais deveriam permanecer castas e virgens até subirem ao altar.

Essa ideia corrobora com as concepções da antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, autora do livro “A Derradeira Gesta, Lampião e Nazarenos Guerreando no Sertão” (2007). A linha central da obra de Luitgarde de Barros é que o bando de Lampião rompe com o código ético e moral sertanejo e impõe aos sertanejos uma nova maneira de viver que desestruturará toda a tradição que aquele povo trazia de outrora, além de submeter os pobres aos seus mandos.

⁷ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

⁸ Jornal O Nordeste, 29 de julho de 1938.

[...] ao dissociar a coragem de elementos significativos para todo o social como eram o trabalho, o respeito à propriedade, à honra das famílias e aos mais fracos, o cangaço desintegra uma estruturação cultural centenariamente amalgamada. Pela força, os cangaceiros impunham uma nova ordem de conduta, representada pela violência descontextualizada da fórmula “lavar a honra”, promovendo a reordenação combinatória dos elementos ideológicos presentes naquela sociedade, numa nova fórmula, desagregadora de antigos códigos (BARROS, 2007, p. 54).

Na descrição do ataque a Angico é anunciado o grande feito que deveria ser recebido com alegria: “Na luta caíram mortos onze bandidos, inclusive o terrível chefe, o espantinho dos sertanejos e viajantes”.⁹ O povo sertanejo não precisava mais temer, a grande “besta” foi abatida, possivelmente a paz voltaria a reinar, pois a morte de Lampião representará o início do fim do cangaço. O grande golpe fora dado, sem o maior articulista da vida dos bandoleiros, acreditava-se que ficaria mais fácil uma ação enérgica para combater os grupos remanescentes.

As estradas estavam livres, não havia mais o mesmo perigo de outrora. Essa morte seria prenúncio de novos tempos, ponto esse cujo jornal fazia questão de salientar. Comemorar era preciso, assim como também parabenizar os “heróis” do feito: “O Nordeste felicita a força policial alagoana pelo feito que veio pôr termo as correrias do banditismo nos sertões de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia”.¹⁰

No discurso dos representantes do Estado o Nordeste tinha se livrado do grande entrave ao seu desenvolvimento. Novos tempos se descortinavam significando felicidade para a população e desenvolvimento para a sociedade. Lampião é, então, apresentado como o responsável pelo arcaísmo do Nordeste, como um estorvo que não possibilitava o florescimento de melhores dias, aquele que obrigava os nordestinos a migrarem para outras terras em busca de melhores condições de vida por estarem fugindo muitas vezes da perseguição que os cangaceiros representavam.

O jornal O Nordeste, do dia 30 de julho de 1938, usando como base um telegrama que o Sr. Dr. Osman Loureiro – interventor de Alagoas, enviou ao Sr. Dr. Carvalho Barroso, interventor federal que estava em exercício em Sergipe, fez o seguinte comentário:

O Governo do Estado não esconde a sua satisfação pelo acontecimento de que participou a força policial do seu estado, mas convém salientar

⁹ Jornal O Nordeste, 29 de julho de 1938.

¹⁰ Ibid.

que não é esse o motivo da satisfação do chefe do Executivo do vizinho estado. *Ela se justifica pelo fato de ter ficado as populações de cidades ordeiras do Norte, livre do maior flagelo que impedia o seu progresso e o seu florescimento. Quem quer que se aventurasse a percorrer o hinterland nordestino teria a triste visão do abandono em que se encontra as mais férteis zonas dos estados. [grifos nossos].*¹¹

O imperador foi deposto do trono, a cabeça decapitada que naquele dia encontrava-se em Maceió, representava o fim de uma era de arcaísmo, de banditismo, de abandono da terra por medo. A exposição da cabeça, como dissemos, era um exercício de disciplinarização social e afirmação da força estatal:

Lampião, com o seu bando sinistro, *imperava zombando das forças militares* que sempre estiveram em seu encalço. *Livre o Nordeste dessa praga infeliz*, tudo indica que, de agora por diante, os que foram obrigados a abandonar as suas terras com receio da morte, voltarão para a luta pela grandeza e pelo reflorescimento do solo que sempre tudo deu para subsistência de suas proles. [grifos nossos].¹²

Segundo o jornal alagoano, “A Tarde”, de 30 de julho de 1938, transcrita a referida reportagem pelo jornal O Nordeste, de 01 de agosto de 1938, o interventor federal do estado de Alagoas, Sr. Osman Loureiro, enviou a Vargas o seguinte telegrama comunicando o extermínio de Lampião e destroçamento de parte do seu bando em Angico:

[...] a tropa alagoana, pertencente ao 2º Batalhão, surpreendeu na fazenda Angicos, no território de Sergipe, a Lampião e numeroso grupo, conseguindo matar o *famoso bandoleiro* e mais dez asseclas. O feito das armas alagoanas, conseguindo exterminar o *terror do Nordeste*, em cujo encalço andam forças de vários estados, há cerca de quatro lustros, constitui um *relevante serviço à civilização e a economia da região nordestina*. Coroada assim de êxito a pertinaz campanha empreendida pelo meu governo, não posso deixar de congratular-me com Vossa Excelência, podendo inscrever no ativo da tropa alagoana, que sempre tem acompanhado a ação patriótica do governo da República, mais esta assinalada demonstração do seu acendrado amor ao Brasil. Cordiais saudações – Interventor Osman Loureiro. [grifos nossos].

O Estado Novo, que estava em vigência nesse período, não poderia ter a sua imagem arranhada. Aqueles que estavam elegendando os heróis nacionais não aceitariam que Lampião, um bandido, subisse ao panteão daqueles que tão lustrosamente e

¹¹ Jornal O Nordeste, 30 de julho de 1938.

¹² Ibid.

fidedignamente serviram a pátria. Exterminar o cangaço e o seu maior líder apresentava-se como a legitimação de todo um projeto estadonovista de um Brasil idealizado, nacionalista, patriótico.

A própria comunicação do Sr. Osman Loureiro a Vargas, parece-nos como uma prestação de contas e uma tentativa de mostrar serviço ao chefe da nação, salientando o interventor, o grande feito das armas alagoanas em exterminar Lampião “em cujo encaço andam forças de vários estados, há cerca de quatro lustros”. Há assim, uma espécie de afirmação da força do policiamento daquele estado que em consonância com o projeto patriótico prestou “um relevante serviço à civilização e a economia da região nordestina”.

O destroçamento do cangaceiro, na perspectiva dos governantes, integra o Nordeste na dinâmica de desenvolvimento que está em curso no restante do país. A morte de Lampião também dará a essa região características civilizadas, pois não se terá mais a mancha cotidiana do banditismo, sinal de arcaísmo social. Além do mais, outro setor que será beneficiado dentro dessa “dinâmica de civilização” será a economia, pois na reflexão que fazemos em torno dessa reportagem, o cangaço é representado por parte dos que exercem o poder, como um entrave ao desenvolvimento econômico regional.

2 – Construindo um Passado

A morte de Lampião será, na ótica dos representantes do Estado, um motivo de confraternização. Em consonância com essa alegria os jornais trouxeram nas suas páginas as manifestações de comemoração por parte da população. A “Fera do Nordeste” desapareceu. Talvez não estejam comemorando a morte do “Rei do Cangaço”, mas sim espantados ou duvidosos que aquela notícia fosse realmente verdadeira, até porque desde meados da década de 1920, Lampião morria nas páginas dos jornais que noticiavam seu fim, e poucos dias depois os populares eram surpreendidos com a ressurreição do cangaceiro.

Por essas e outras coisas a população duvidava que realmente a notícia fosse verdadeira. Muitos queriam ver as cabeças, dissecá-las com os olhos para assim acreditarem no fato. Os jornais tiveram que estampar nas suas notícias telegramas oficiais dos interventores e autoridades estatais que, confirmavam categoricamente o extermínio de Virgolino Ferreira.

O jornal “O Nordeste” do dia 01 de agosto de 1938, transcreveu uma nota do jornal “A Tarde”, de Maceió, onde se narra a alegria transbordante naquele estado: “Continuam, em todo o estado, demonstrações de júbilo, pela morte de Lampião e de dez dos seus mais perigosos caibras”.

Os jornais passaram a buscar a reconstrução da vida do bandido, resgatar discursivamente as suas histórias, suas origens. No caso de Lampião tal resgate tinha como principal intuito averiguar as origens de sua maldade, comprovar a propensão desse ao banditismo.

Ainda transcrevendo a notícia do já referido jornal “A Tarde”, podemos perceber o desejo dos editores em criar em torno das notícias sobre Lampião certo sensacionalismo que pudesse chocar os leitores. Pretendia-se difundir e enraizar cada vez mais a idéia de ser o “Rei do Cangaço” uma figura repugnante, um mal exemplo para a sociedade constituída e as famílias de bem.

Lampião viveu a primeira parte de sua infância em Água Branca, neste estado. De gênio esquisito, fugia sempre dos brinquedos infantis. Devido às dificuldades econômicas de sua família, que era paupérrima, Virgulino foi atirado à luta pela vida, passando os primeiros anos de sua existência agarrado a enxadas, facões, carabinas e armas de caça. Era amarelo e magro. Mesmo tuberculoso não abandonou o cangaço.

A infância aparece como um bom gancho para se entender a vida do bandoleiro, isso na perspectiva dos jornais. Pobre, anti-social, com “gênio esquisito”, Lampião já é representado como alguém que não teve uma infância normal. No fragmento apresentado acima, podemos interpretar como que, a educação de Lampião tenha sido desde o início voltada para o mundo das armas devido às condições do meio onde ele nasceu e viveu. Ao mesmo tempo em que o menino Virgulino é mostrado como trabalhador – “passando os primeiros anos de sua existência agarrado a enxadas” - faz-se um contraponto para salientar a sua relação na mais tenra idade com o traquejo das armas.

A reportagem ainda faz questão de estereotipar Lampião como amarelo, magro e tuberculoso. O interessante nessa narrativa sobre os primeiros anos de vida do cangaceiro, é que ela vai totalmente contra o que é narrado por outros pesquisadores do cangaço que balizaram as suas pesquisas na história oral, entrevistando pessoas as quais tiveram uma relação direta com o “Rei do Cangaço”.

O pesquisador Antônio Amaury Correia de Araújo e Vera Ferreira (1999), no livro “De Virgolino a Lampião”, afirmam:

A infância de Virgolino transcorreu normalmente, em nada diferente das outras crianças que com ele conviviam. Todas as informações disponíveis levam a crer que as brincadeiras de Virgolino com seus irmãos e amigos de infância eram nadar no Riacho São Domingos e atirar com o bodoque, um arco para bolas de barro. Também brincavam de cangaceiros e volantes, como todos os outros meninos da época, imitando, na fantasia, a realidade do que viam à sua volta, “enfrentando-se” na caatinga. Em outras palavras, brincavam de “mocinhos e bandido”, como faziam as crianças nas outras regiões mais desenvolvidas do país (AMAURY; FERREIRA, 1999, p. 51-52).¹³

Confrontando as duas narrativas podemos ver que as intencionalidades são diferentes. O jornal está mais preocupado em reafirmar a imagem de Lampião como desumano, criminoso que tem o crime no seu sangue, nas suas raízes; já na visão de Amaury e Ferreira, que alicerçam as suas pesquisas em entrevistas, não há esse determinismo infantil que justificaria as maldades e crimes cometidos por Lampião. Para eles a raiz da vida de bandoleiro de Virgolino estava em fatos sociais que se abateram sobre ele e sua família: briga com Saturnino, morte da mãe, assassinato do pai. São esses os fatores que desencadearam a entrada de Lampião no cangaço, na óptica dos autores.

É interessante salientarmos o final da reportagem transcrita por “O Nordeste”. Assim como o “Rei do Cangaço” tem suas raízes resgatas discursivamente, a “Rainha” também segue o mesmo itinerário:

Maria Bonita, a sua companheira, era uma cabocla de grande beleza, tendo um perfil e curvas perfeitas. Era casada com o sapateiro Zé de Nenê e passara a viver com Lampião com 24 anos de idade. Dessa união nasceu um filho, em plena caatinga. Certa ocasião, Lampião procurou matar o filho, porque este chorava muito, quando ele dormia. Corajosa, Maria Bonita atravessou na frente do filhinho, impedindo o crime. Maria, que amava loucamente Lampião, nunca o abandonava na ocasião dos combates.

Há na referida reportagem, uma espécie de exaltação da coragem de Maria Bonita. Percebe-se que Lampião é representado como detentor do mal, que não respeita

¹³ Ver: ASSUNÇÃO, Moacir. **Os homens que mataram o facínora**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A Derradeira Gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão**. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. CHANDLER, B. J. **Lampião, O Rei dos Cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

nada, incapaz de amar já que quis matar ao seu próprio filho por motivos fúteis. Esse fragmento se põe como em defesa de Maria, afirmando a sua valentia, amor louco por Lampião e fidelidade.

Quem é capaz de levantar a mão contra o próprio filho imagine contra o dos outros. O imaginário popular por muito tempo representou Lampião e alguns cangaceiros como aqueles que sentiam prazer em matar crianças. Sendo que, segundo se dizia, Lampião tinha um punhal com uma lamina extremamente afiada, onde nas horas de calor colérico dos ataques, as crianças de colo eram jogadas para cima e apanhadas no ar pelo punhal o qual atravessava as suas carnes.¹⁴ Não há registro documental que comprove tais feitos, nem esse do punhal muito menos o da tentativa de Lampião de matar o próprio filho.

3 - “A invulnerabilidade e bravura de Lampião e seus asseclas”

O subtítulo que apresentamos acima esteve presente de forma lapidar na manchete do jornal “O Nordeste” do dia 03 de agosto de 1938. O artigo pretendia mostrar as causas que gestaram a invulnerabilidade de Lampião frente às perseguições das volantes, como também almejava combater os comentários populares surgidos, os quais afirmavam que Lampião não havia morrido, mas tinha conseguido fugir da investida em Angico.

É notório que em vida, o maior cangaceiro cujo Nordeste conheceu, estava envolto em toda uma simbologia que fascinava os indivíduos que mantiveram ou não contato com ele, sendo aos poucos, gestadas algumas histórias mais parecidas com feitos e narrativas mitológicas. Lampião foi antes de tudo uma figura que, em grande parte, foi construído pela mídia. Boa parte das imagens feitas em torno dele se enraizaram devido a difusão e crédito dada pela imprensa a essas.

Os jornais foram a nosso ver, grandes responsáveis pela formação de uma cultura histórica sobre o cangaço, pois muitos indivíduos letrados que tinham acesso aos jornais liam as reportagens escritas sobre o cangaço, especificamente sobre Lampião, e através da oralidade iam difundindo aqueles feitos. Também os memorialistas fizeram uso desse meio de informação para lapidarem as suas narrativas.

¹⁴ Ver: MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 4. ed. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

Um exemplo cabal do uso dos jornais nessa produção de sentido histórico em torno do cangaço é a própria literatura de cordel. Muitos “cegos de feiras” os quais não sabiam ler tomaram conhecimento de alguns feitos de Lampião e seu bando só escutando o que os jornais escritos que alguém lia para eles, narravam sobre o cangaceiro, construindo, assim, as suas representações no tangente a figura de Lampião.

No que se refere a esse poder exercido pelos jornais na sociedade, há um ponto extremamente importante o qual deve ser frisado, a sua forte infiltração na memória coletiva: “Como a memória do jornal se constitui já tendo se dado a conhecer no processo mesmo de sua produção/acumulação, ele se articula com a ressonância produzida e se mescla com a memória coletiva” (MOTTER, 2001, p. 11). Dessa feita, ele passa também a ser um produtor de cultura histórica. Ao mesmo tempo em que, informa sobre o cotidiano, ele vai produzindo fontes que servirão de base futura para o estudo desse presente. Os jornais além de representarem através dos seus escritos o presente, contribuem para a construção de sentido sobre o passado, a partir do momento que o historiador ou qualquer outro indivíduo interessado pelo passado se debruce sobre esses.

De fato, os indivíduos depositam a sua confiança nos escritos dos jornais, acreditando serem esses portadores de verdades. Devido a essa credibilidade que se dá aos escritos jornalísticos, eles passam a serem constantemente reproduzidos nas conversas cotidianas gerando repercussão e contribuindo para a formação de idéias e opiniões sobre determinados fatos. Nesse processo os jornais acabam sendo produtores de conhecimento, eles vão construindo sentido sobre o hoje, e esse sentido a *posteriore* servirá de base para as pesquisas dos historiadores que farão uso desses documentos para construir sentido sobre o passado.

No mundo do senso comum essa confiança na imprensa é generalizada. Busca-se no jornal um saber sobre o mundo. Ele está na banca da esquina, nos consultórios, nas salas de espera em geral. Comprado ou já numa forma derivada de uso - embrulhando a compra da quitanda ou açougue, forrando o chão ou revestindo uma parede – ele é lido e o conhecimento que articula se espalha além da fronteira econômica dos consumidores de bens produzidos na sociedade. A propagação desse conhecimento se faz ainda por meio das rádios, de outros jornais e de inúmeros outros meios de comunicação e suas ramificações. Seus efeitos se prolongam nas conversas, nos comentários. Ele alimenta também outros discursos, se autoalimenta diariamente e, apesar do caráter superável e aparentemente efêmero de seus conteúdos, de sua fragilidade enquanto objeto, ele se acumula nos arquivos e nas bibliotecas, constituindo um acervo que contém um saber sobre o

mundo. Temos uma fonte histórica. Aí começa novo ciclo de propagação (MOTTER, 2001, p. 11).

A imagem de Lampião como um sujeito imbatível, dotado de poderes mágicos rondava o imaginário social que inventou inúmeras histórias sobre o mesmo, chegando ao ponto de afirmarem que nunca o referido cangaceiro seria morto devido os poderes mágicos que ele detinha. Na já citada edição do “O Nordeste”, o jornal tentou desmistificar a imagem de um Lampião herói, que conseguia escapar ileso das investidas policiais.

Assim, “O Nordeste” apresenta-nos duas causas que popularmente se difundia justificando as constantes fugas dos cangaceiros: a “estratégia e bravura”. O jornal frisa ainda que essas duas características estavam tornando-se lendárias em torno de Lampião. Dessa feita, “O Nordeste” propõe-se a desvendar o real agente responsável pelo escudo de segurança que vestia o cangaceiro, que nem era só coragem e muito menos poderes mágicos, mas sim a gama de relação estabelecida pelos cangaceiros com outros sertanejos – os coiteiros. Discutindo esse fato da proteção dada encontramos a seguinte explanação:

A [causa] de que ninguém falava, e de cuja existência muita gente nem sequer suspeitava, era que se achava verdadeiramente presa toda a razão da invencibilidade de Lampião. Queremos falar da proteção que lhe dispensava a gente sertaneja. Parece um paradoxo dizer-se que essa gente, que tanto pavor lhe tinha, protegesse a Lampião. Mas era um fato, que se explicava pelo próprio pavor que a uns infundia com desordens e ameaças, pelo excesso de covardia de alguns e pela utilidade compensadora que desfrutavam outros, muitas vezes poderosos, que eram conhecidos e até pelo próprio bandido proclamado seus protetores. Está visto que a proteção consistia, principalmente, em desviar a ação da policia. As vezes ia a coluna policial orientada por informações seguras no encalço dos bandidos, de repente, inesperadamente, às vezes prestes a encontrá-los, intercepta-se a corrente de informações e lá se ia de água abaixo dias e dias de trabalhos exaustivos e arriscados quase sempre.

Acreditamos ser essa reportagem uma resposta clara a todos aqueles que não estavam confiantes nas informações oficiais da morte do “Rei do Cangaço”, mesmo com as cabeças decepadas e expostas ao deleite da apreciação do público. Se fazia necessário, o mais urgente possível, combater qualquer exaltação em torno de Lampião, qualquer boato que ousasse arranhar a tão esperada notícia da morte da “fera dos sertões”, como Virgolino Ferreira ficou conhecido nos jornais.

Folheando as páginas do “O Nordeste”, surpreendemo-nos com uma propaganda de um produto exótico. No dia 05 de agosto de 1938 o jornal trás o anúncio: “Na Casa Amador, à rua João Pessoa, estão expostas à venda fotografias dos bandidos, abatidos pelas forças do tenente João Bezerra, dando 30 por cento da renda em benefício do Orfanato Dom Bosco, por solicitação de dona Nilita Nascimento”.

As imagens dos cangaceiros passam a ser comercializadas para que todos tenham a oportunidade de ver as cabeças decepadas daqueles por tanto tempo tidos como invencíveis. Começa o processo de apropriação das imagens dos cangaceiros para obter lucro. O cangaço a favor do mercado! Além do lucro obtido com essas imagens, elas ainda possibilitariam a proliferação nos mais remotos rincões do Nordeste, da notícia do extermínio de um homem com grandeza de rei e capitão, o qual estava a tornar-se um mito.

4 – Considerações Finais

Durante vinte anos Lampião e seu cabras andaram pelas caatingas do sertão nordestino fazendo a sua “justiça”, praticando aquilo que eles acreditavam ser certo, tornando-se um assunto presente tanto nas conversas populares das ruas quanto nos altos escalões do governo. Temido, seu nome passou a simbolizar medo.

Lampião é um daqueles personagens da história dotado de contradições, sua imagem sendo formada antes de tudo por um forte cunho de representações que o mesmo fazia questão de cultivar, pois sabia que não só pela força ele se impunha na sociedade, mas também através dos discursos, muitas vezes mais poderosos que seus feitos.

Andava constantemente na íngreme linha da morte, brincava com ela, às vezes caçoava mostrando-se invencível, mas com certeza sabia que um dia ela chegaria para ele como chega para qualquer homem. Naquele raiar de aurora em Angico, o fim do “Rei do Cangaço” foi decretado. Os jornais a partir de suas manchetes iniciam a nova saga de Lampião, não mais uma saga balizada em uma práxis, mas sim, um percurso discursivo. Durante semanas se noticiaram a morte do maior bandido das caatingas.

É sobre Lampião construída uma série de representações buscando forjar para ele uma identidade, às vezes lapidar um passado, sendo o mesmo pintado como um bandido sanguinário que impedia o desenvolvimento do Nordeste. Sua morte torna-se sinônimo de alforria para a região a qual por tanto tempo foi castigada sob o seu julgo.

Os jornais serão, assim, portadores de uma notícia há tempos esperada pelas autoridades: a morte do facínora.

À imprensa caberá dois objetivos latentes: difundir a notícia da morte de Lampião disciplinando as massas a não seguirem o mesmo exemplo daquele bandido, pois a força do Estado era bem maior. Em uma segunda perspectiva, buscava-se combater todos aqueles mitos que foram criados em torno da invencibilidade do “Rei do Cangaço”. Os jornais pretendiam hegemonizar a imagem que a elite, em particular os representantes do Estado, faziam sobre o maior cangaceiro de todos os tempos.

Com o fim de Lampião inicia-se o seu processo mais efetivo de mitificação. O bandido vai tornando-se símbolo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa; FERREIRA, Vera. **De Virgolino a Lampião**. São Paulo: Idéia Visual, 1999.
- ASSUNÇÃO, Moacir. **Os homens que mataram o facínora**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A Derradeira Gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão**. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- CHANDLER, B. J. **Lampião, O Rei dos Cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1983.
- HOBBSBAWN, E. J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.
- _____. **Rebeldes Primitivos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 4. ed. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.
- MOTA, Leonardo. **No Tempo de Lampião**. 3. ed. Fortaleza: ABC Editora, 2002.
- MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e História: imprensa e construção da realidade**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. 5. ed. São Paulo: Global, 1997.
- _____. **Os Cangaceiros**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- SOUZA, Anildomá Willans. **Lampião: nem herói nem bandido... a história**. Serra Talhada: GDM Gráfica, 2006.